

O SENTIMENTO DE FAMILIARIDADE AUMENTA O USO DE ESTEREÓTIPOS

Teresa Garcia-Marques (ISPA), Diane Mackie (UCSB), Elliot Smith (Indiana University), Daniel Miller (Purdue University)

Diversas abordagens teóricas e dados empíricos têm sugerido que os estímulos familiares e não-familiares são processados de forma distinta. Garcia-Marques e Mackie (2001) sugerem-nos especificamente que a familiaridade reduz o processamento analítico (sistemático) de uma mensagem persuasiva. Desta abordagem, deduzimos a hipótese contra-intuitiva de que dada a prevalência de processamento top-down, estímulos sentidos como familiares induzem julgamentos com base na activação de um estereótipo. Consistentemente, os nossos dados sugerem que a activação de um sentimento de familiaridade com a situação reduz a individuação e aumentar julgamentos com base nos estereótipos. No primeiro estudo os julgamentos foram mais consistentes com as ocupações dos alvos após uma breve prévia exposição a estes. No segundo e terceiros estudos julgamentos criminais forma mais consistentes com um estereótipo associado a agressividade quando um sentimento de familiaridade foi associado á categoria ou á informação individualizada fornecida sobre o alvo. A nossa interpretação destes dados é a de que este efeito é devido ao facto do sentimento de familiaridade funcionar como um mecanismo regulador do modo de processamento de informação

PENSAMENTO CONTRAFACTUAL E PENSAMENTO CAUSAL. QUE RELAÇÃO?

Jorge Senos, Teresa Garcia-Marques (ISPA)

A investigação tem sugerido uma estreita ligação entre o pensamento causal (PC) e o pensamento contrafactual (PCF). Kahneman e Tversky (1982) sugerem como modo de selecção de uma causa a simulação contrafactual. Assim alguma evidencia empírica sugere que os PCFs fornecem o enquadramento para o PC (e.g. Lipe, 1991; Roese, 1997; Wells & Gavanski, 1989). Apesar disso, a abordagem dos modelos mentais sugere ter a relação uma direcção oposta. Congruentemente, os dados de McEleney e Byrne (2000) sugerem-nos que o PCF assenta no PC. Por seu lado os estudos de Mandel (2003) sugerem-nos a existência de uma dissociação funcional entre estes dois tipos de pensamento. A simultaneidade de dados tão distintos apontam a necessidade da continuidade de estudo desta relação bem como de a considerar de ser passível de grande complexidade (Spellman & Mandel, 1999). Com este intuito que procuramos estudar a relação recorrendo a uma nova metodologia, que integra o paradigma experimental de facilitação (e.g. Smith & Miller, 1983), e nos sugere que se um pensamento ancora no outro a sua presença deve tornar mais rápida a realização deste segundo. Os nossos dados opõem-se a ideia de uma relação assimétrica entre PC e PCF por demonstrarem uma facilitação mútua.

PSICOLOGIA E FREUD SERÃO O MESMO? REVISITANDO O EFEITO VON RESTORFF NA EVOCAÇÃO LIVRE DE LISTAS DE NOMES DE PSICÓLOGOS FAMOSOS

Amâncio C. Pinto (Faculdade de Psicologia, Universidade do Porto)

O efeito von Restorff refere-se à facilidade de evocação de um item isolado numa série de itens similares. Este estudo descreve duas experiências com o objectivo de investigar este efeito usando uma lista de nomes de 14 psicólogos famosos de baixa familiaridade num total de 15 itens. Na primeira experiência efectuada com 60 estudantes verificou-se um efeito de von Restorff equivalente usando como itens salientes Psicologia e Freud. A segunda experiência, realizada com 54 universitários, pre-

tendeu analisar os efeitos de transferência positiva ou negativa da evocação superior dos dois itens salientes, seguidos ou interpolados, sobre os itens adjacentes. Embora o grau de evocação tenha sido elevado para os itens salientes não se verificou um efeito de transferência. O estudo inclui ainda uma listagem do grau de familiaridade dos nomes de psicólogos notáveis efectuada a 116 estudantes de psicologia.

QUANTO CUSTA DECIDIR? COMPLEXIDADE DAS ESTRATÉGIAS DE DECISÃO E CAPACIDADE COGNITIVA

Rui Mata (Max Planck Institute for Human Development), Lael Schooler (Max Planck Institute for Human Development)

O argumento de que o uso de heurísticas pode ser adaptativo devido à pouca computação que requerem tem recebido alguma atenção na literatura de tomada de decisão (e.g., Gigerenzer, Todd, & The ABC Research Group, 1999; Payne, Bettman, & Johnson, 1993). Esta ideia leva a predição de que indivíduos com menor capacidade cognitiva devem recorrer mais ao uso de estratégias de decisão simples baseadas num único pedaço de informação (e.g., Sanfey & Hastie, 1999). Contudo, não existem dados conclusivos mostrando que estratégias mais simples são utilizadas em condições de limitação cognitiva, ou que capacidade cognitiva é um factor determinante no uso de estratégias de decisão. O projecto proposto explora como a complexidade de estratégias de decisão em tarefas de inferência envolvendo busca de informação em tabelas computadorizadas depende de capacidades cognitivas como: memória de trabalho, velocidade de processamento, e capacidade inibitória. As escolhas dos participantes bem como o seu padrão de recolha de informação são utilizadas para determinar as estratégias utilizadas. Discutem-se as implicações do resultados para a predição referida; e apresentam-se planos para estender esta abordagem a tarefas envolvendo busca em memória bem como incluir uma perspectiva desenvolvimentista.

RECUPERAÇÃO MNÉSICA: INTERFERÊNCIA OU IDIOSINCRASIA

Margarida Garrido (ISCTE), Leonel Garcia-Marques (FPCE-UL)

No estudo da memória têm, recentemente, surgido propostas de modelos dualistas de recuperação (e.g., Jacoby, 1991; Brainerd, Reyna & Mojardín, 1999) que distinguem um processo de correspondência de recuperação difuso e a recuperação directa de traços episódicos específicos. O presente trabalho aplica essa distinção aos processos mnesésicos socialmente distribuídos (Weldon & Bellinger, 1997). Propomos um paralelismo entre os processos de interferência na recuperação (a recuperação de um subconjunto de itens torna a recordação dos restantes itens mais difícil; e.g., Anderson, Bjork & Bjork, 1994) e a recordação colaborativa (recordação em contextos colaborativos é inferior à recordação em contextos individuais; e.g., Weldon & Bellinger, 1997). O estudo centrou-se na interferência na recuperação e o estudo 2, a recordação colaborativa. A apresentação de pistas na recuperação diminuiu a recordação dos outros itens mas aumentou a sua estimativa de frequências. Um resultado paralelo foi obtido num paradigma de recordação colaborativa. Tal paralelismo sugere que, quer a interferência na recuperação, quer a recordação colaborativa interferem nas estratégias idiossincráticas de recuperação. A ser assim, os resultados obtidos a partir do estudo de indivíduos isolados, em condições óptimas de recuperação, são teoricamente limitados por ignorarem os fenómenos de interferência.